**Uma traducão – “Nada de não ficção: PL2658.E8” de Emily Goedde[[1]](#footnote-1)**

**RESUMO:** A autora e tradutora do chinês Emily Goedde, então editando como convidada uma revista chamada 91st Meridian para Universidade de Iowa, em 2008, preocupou-se a dar espaço para que seus autores-contribuintes pudessem explorar todas as intersecções entre tradução e não ficção literária (forma de criação em que o estilo e literariedade se encontrarm com a preocupação em retratar uma realidade). Da sua parte, abordou o tema no ensaio “Nada de não ficção: PL2658.E8”, em que tratava da não ficção clássica chinesa e como sua falta de presença no mundo da tradução servia como base para compreender a maneira com que a própria China era vista no mundo literário. Neste paper, trazemos o ensaio de Goedde pela primeira vez traduzido e publicado em outro veículo que não a revista em que foi originalmente lançado. Segue uma breve entrevista com a autora em que ela explica em detalhes alguns pontos levantados pelo texto. Seu trabalho procura levantar temas importantes sobre a tradução e suas implicações em como vemos o mundo a nossa volta.

Palavras-chave: tradução; não ficção; literatura chinesa.

**ABSTRACT:** Author and Chinese-to-English translator Emily Goedde, who was then guest-editing a journal called 91st Meridian for the University of Iowa, in 2008, took care to allow her contributor’s room to explore the intersections between literary translation and nonfiction. For her part, she approached the topic in her essay “No Nonfiction: PL2658.E8”, in which she approached classic Chinese nonfiction and its absence from English language translation as a basis to show how China itself was perceived in literature. In this paper we bring Goedde’s study for the first time into Portuguese. A brief interview with the author follows, in which she explains in detail some of the issues raised in her essay. Her work attempts to bring up important topics in both translation and the world that surrounds us.

Key-words: translation; nonfiction; Chinese literature.

**Apresentação**

A americana Emily Goedde, tradutora de chinês, obteve um Master of Fine Arts pela Universidade de Iowa – período em que foi co-editora da revista *eXchanges*, o jornal online de tradução literária da Universidade e graduando-se com o projeto “*Heartbreak: Translation of the Poetru of Zhu Shuzhen*.” Posteriormente obteve um PhD em Literatura Comparada pela Universidade de Michigan com a tese “*The Sound of Bombs – Translating Chinese Poetry from the Second World War*.”

Durante o período em que cursou seu mestrado, interessou-se também pela não ficção literária – a forma de criação em que o estilo e literariedade se encontrarm com o preocupação em retratar uma realidade –, auxialiando a organizar eventos como a conferência *NonfictionNow!* em 2007 e participando como editora convidada de edição especial da revista *91st Meridian* do ano seguinte, que consistia em um dossiê especial sobre a tradução vista em suas intersecções com a não ficção. É desta revista, publicada originalmente em 2008, que foi extraído este presente ensaio “Nada de não ficção: PL2658.E8” -, em que Goedde retoma a não ficção chinesa clássica como base para compreender a tradução (ou a falta de tradução) da não ficção chinesa atual e suas implicações no mundo literário*.*

Segue-se à tradução uma breve entrevista realizada por nós com a autora, via conferência de vídeo e registrada, feita em dezembro de 2017 e aqui editada para clareza e extensão.[[2]](#footnote-2)Dez anos após a publicação do texto original, a conversa com Emily Goedde serve para explicar em mais detalhes alguns tópicos levantados em 2007 e contextualizar o presente cenário de tradução de língua chinesa nos EUA e no mundo.

1. **A Tradução – “Nada de não ficção: PL2658.E8” de Emily Goedde**

Se Confúcio estivesse vivo hoje, seria mais provável encontrá-lo consultando a seção de não ficção de uma livraria do que a de ficção. Na verdade, na coleção da sua obra, o Lun Yu (論語) ou *Analectos*, fica claro que ele considerava que dizer e escrever a verdade, observando e pesquisando o que é e o que veio antes, é algo vastamente superior à invenção. De acordo com o capítulo 7, versículo 1, "o Mestre [Confúcio] disse, 'eu transmito mas não inovo; eu sou sincero no que digo e dedicado à antiguidade... ' "(tradução de D. C. Lau[[3]](#footnote-3)). O início do capítulo 7 versículo 27 afirma, "O Mestre disse, 'presume-se que há homens que inovem sem possuir conhecimento, mas eu não possuo esse defeito. Eu uso meus ouvidos amplamente e sigo o que é bom naquilo que eu ouvi; eu uso meus olhos amplamente e retenho o que vi em minha mente... '" (D. C. Lau). Dadas estas observações e considerando que maneira de obter fortuna e fama na China era ser capaz de escrever ensaios e (às vezes) poesia para exames imperiais, a cultura chinesa chegou a valorizar poesia e não ficção acima da ficção e do drama.

O subgênero da não ficção mais apreciado na China de Confúcio foi a historiografia, mas existiam muitos outros tipos. Coleções de miscelânea, por exemplo, não tão diferentemente de suas contrapartes europeias, eram populares. Elas incluíam observações sobre poesia, antiguidades, objetos de arte e belas paisagens. Outras formas, mais distantes de seus equivalentes ocidentais, também eram comuns. Assim como a China não tem uma tradição épica, por exemplo, o Ocidente não tem o *fu* 賦, uma espécie de texto poético ou rapsódia escrita em uma prosa paralela profundamente estilizada, que pode ser considerada uma prima muito distante do ensaio lírico ou do poema em prosa. Outro parente distante, o ensaio de oito partes, *baguwen* 八股文, um estilo de prosa altamente formalizada que era um componente crucial dos exames imperiais nas dinastias Ming e Qing, lembra vagamente a redação de cinco parágrafos.

Apesar desta rica tradição, além dos textos filosóficos (contei 33 traduções para o Dao De Jing) muito pouco de não ficção literária foi traduzida do chinês para o inglês. Na biblioteca do Congresso, por exemplo, a coleção de David Pollard *The Chinese Essay*, a única coleção publicada em inglês até então que inclui obras-primas pré-modernas e modernas desta forma literária chinesa, é arquivada sob o número PL2658.E8, um número que indica a prosa traduzido para o inglês do chinês. Procurando por obras com o mesmo número de chamada achei outras 101 catalogadas; apenas cinco eram obras de não-ficção; o resto era ficção. Dos 20 relatos de viagem sobre a China, a única obra traduzida foi traduzida do tibetano e não do chinês. Todo o resto foi escrito por aventureiros anglófonos ou missionários.

Então, se a tradição de não ficção na China é tão importante e rica, por que é tão pouco traduzida para o inglês?

A resposta fácil é a de que não existe um mercado para isso. Outro argumento é que o conteúdo é muito obscuro, sendo distanciado por ambos o tempo e a cultura. David Pollard contesta que não há muita não ficção traduzida porque não existem muitas pessoas interessadas em traduzi-la. Ele acredita que isso vem de um preconceito ocidental contra o ensaio, que sofre de uma falta de "prestígio". Gostaria de saber se isso também pode ter a ver com o fato de que a não ficção chinesa não corresponde sempre com nossas expectativas para o gênero, com base em como ele se manifesta em inglês.

Isto demanda a pergunta: A não ficção chinesa precisa ser traduzida?

Eu posso abordar melhor esta questão com uma anedota pessoal. Neste último verão li um ensaio escrito por um dos mais respeitados ensaístas e críticos culturais contemporâneo da China, Yu Qiuyu. Chama-se "Pessoas de Xangai" e, como o título sugere, seus habitantes são o tema deste ensaio pessoal astutamente escrito. Eu vivi por pouco mais de dois anos em Xangai e era amiga de muita de gente interessante do lugar, mais notavelmente de Pangpang, namorado do meu bom amigo, que sonhava em ser uma estrela de rock e crítico cultural. Eu vivia no centro de Xangai em uma velha mansão ocidental que havia sido convertida e compartilhava minha cozinha e quintal com uma variedade de famílias chinesas e senhoras idosas. Eu passei muito tempo com todas essas pessoas. Comemos juntos, bebemos juntos, servimos de babás dos periquitos de estimação uns dos outros. Me perguntavam três vezes por dia se eu já comido e gritavam comigo quando eu queimava coisas na cozinha. Alguém roubou minha roupa de baixo e outra pessoa desligou meu fusível quando eu fiquei com hóspedes barulhentos até tarde. Apesar destas interações diárias e amizades próximas, o ensaio de Yu Qiuyu me abriu os olhos.

Por que?

Acho que por que uma compreensão adequada do que a China é só pode ser acessada através de várias camadas de experiência. Tal como acontece com qualquer fenômeno complexo, há uma necessidade de múltiplas representações. A minha China, juntamente com a China descrita por escritores de língua inglesa é apenas uma compreensão limitada de um lugar com infinitas variáveis. Sem acesso a muitas narrativas diferentes por vários tipos de escritores, a China – e até mesmo Xangai – mal podem ser compreendidas.

Sem um corpo de obras saudável de não ficção escrita sobre a China, traduzido do chinês para o inglês, os leitores anglófonos terão uma menor capacidade de compreender a China e sua cultura. Então por que os tradutores evitam este grupo de obras? Eu tenho algumas ideias. Até recentemente, o ocidente classificava a não ficção como uma cidadã de segunda classe e sob termos bastante estreitos (principalmente orientados para ensaios argumentativos e livros de memórias de pessoas notáveis). Isto levou a uma falta de imaginação sobre como a não ficção literária chinesa pode ampliar os limites de sua homóloga em inglês. Também houve, alguém poderia sugerir, um desejo subconsciente de deixar a exótica China como poética e estrangeira, daí a prevalência de versões em inglês de poesia chinesa e contos do que é curioso. Mas certamente na paisagem cultural atual, onde há um interesse no estrangeiro e especialmente na China, exista a curiosidade de ouvir as várias vozes da China. Talvez, agora, a escassez de não ficção chinesa em inglês possa ser abordada.

1. **A Entrevista**

Realizada por nós com Emily Goedde em dezembro de 2017, via conferência de vídeo, editada e condensada por motivos de clareza e disponibilizada aqui com permissão da autora:

*Pergunta: Como surgiu a ideia para esta edição especial da revista 91st Meridian, em 2008? Quais eram as conversas na Universidade de Iowa que propiciaram esta publicação tratando de tradução e não ficção?*

EG: A ideia da revista surgiu de um painel que nós organizamos chamado *“Truth in Other Tongues*” na conferência “*NonfictionNow*”. Parecia, para mim – lembrando que a conferência era para autores de não ficção – que seria interessante contribuir para a conversa sobre traduzir a não ficção. Então juntei um grupo de tradutores e propusemos o painel. O que me pareceu interessante era que muitos de nós ou traduzimos ficção ou traduzimos poesia *e* não ficção, então nós fomos para este último lado.

Penso que quando nós, tradutores e autores de não ficção, nos juntamos muitas das nossas perguntas e questões são as mesmas. Me pareceu interessante colocar estas questões lado a lado, e é isso que coloquei na introdução da revista.

Especialmente nos dias de hoje, as ideias de verdade e representação são coisas sempre à tona. Brian [Goedde][[4]](#footnote-4) e eu percebemos que eram coisas debatidas na tradução, mas que quase não eram discutidas na não ficção. Ele pensou que as questões dos estudos da tradução, questões teóricas que eram provocadas pelas políticas da traduzir através de línguas e culturas, não eram levantadas da mesma maneira mesmo quando as pessoas escreviam sobre outras culturas e lugares. Talvez o mesmo pensamento crítico não estivesse sendo usado na não ficção. Então nos ocorreu que seria interessante tentar juntar estes dois gêneros e enriquecer nossas conversas nos programas de tradução e de não ficção.

*Pergunta: E quais foram algumas das coisas que você percebeu ao exercitar esse olhar?*

EG: Quando eu obtive o meu PhD [na Universidade de Michigan], eu comecei a trabalhar com poesia ao invés de não ficção, pois meu orientador era dessa área. Na época em que eu trabalhava na parte teórica eu me focava bastante na política de traduzir do Chinês para o Inglês. Um dos livros de referência que eu usei se chamava “*Transpacific Displacement*” e achei muito interessante, tratava de como muitos americanos traduzem a cultura chinesa como uma espécie de ideia, da imagem/ideograma para o inglês e, nesta maneira, o que eu descobri era que estes tradutores estavam pegando estes textos – seja poesia, ficção ou não ficção – e criando a sua própria ficção sobre eles em inglês.

 Era uma espécie de texto teórico que pensava em como algo pode ser uma coisa na sua língua de partida, mas se transforma em uma outra verdade nas línguas de chegada. É uma maneira interessante de pensar em como os tradutores podem criar. Nós temos uma ideia de como a literatura chinesa é então criamos uma... não é nem mesmo uma ficção, mas uma não ficção sobre a China. Exceto pelo fato de que é uma ficção.

*Pergunta: Nos seu próprio ensaio você menciona como há pouca não ficção sobre a China em tradução – apenas um livro e ainda assim ele foi traduzido do tibetano. O resto da não ficção já foi toda já produzida em inglês.*

EG: Exatamente. E penso que parte da razão pela qual isso é possível é pela falta da tradução de não ficção. Penso que estão relacionadas. Não acho que poderíamos ter criado este mito sobre o que é a literatura chinesa ou o que é a China se não tivéssemos... se autores não tivessem um interesse em perpetuar essa ideia.

Outra parte interessante disso tudo é, pensando a partir do contexto chinês, que os textos são traduzidos por pessoas que não falam a língua. São mais como autores literários que trabalham com alguém que fala chinês, então traduzem uma interpretação que é mais removida. Acho que é exacerbado também pelo fato de que o autor nem sempre tem um conhecimento muito profundo do chinês.

*Pergunta: É um ponto interessante: a importância tanto da tradução quanto da não ficção em nos ajudar a entender uma cultura.*

EG: Certamente. Às vezes em menor grau quando as pessoas trabalham em línguas europeias, por exemplo, mas quanto mais longe você vai mais profundas ficam estas questões.

 *Pergunta: Em relação ao seu ensaio, “Nada de não ficção”, você usa Confúcio como um gancho para falar desses temas de tradução e não ficção. Como surgiu a ideia para o ensaio e a dicotomia Leste x Oeste na abordagem?*

 EG: Começou na biblioteca. Eu queria ver que tipo de não ficção chinesa havia sido traduzida e não havia quase nada. Comecei a pensar que, se Confúcio, que foi uma espécie de pai da não ficção na China viesse ver a biblioteca, só ia encontrar aquilo traduzido e nada mais. E daí, vendo os livros de não ficção americana ali do lado, para ele aquilo seria não ficção *light*. Foi daí que saiu o ensaio.

**Referências**

GOEDDE, Brian. Nonfiction is translation. Disponível em: <https://www.creativenonfiction.org/brevity/craft/craft\_goedde.htm>. Acesso em: 01 out. 2016.

GOEDDE, E. No Nonfiction: PL2658.E8. *91st Meridian*, Iowa City, v. 6, n.1, primavera 2008.

HUANG, Y. Transpacific Displacement: Ethnography, Translation, and Intertextual Travel in Twentieth-Century American Literature. University of California Press, 2002.

1. Publicado originalmente em: [https://IWP.uiowa.edu/91st/vol6-num1/no-Nonfiction-pl2658e8-0](https://iwp.uiowa.edu/91st/vol6-num1/no-nonfiction-pl2658e8-0) em 2008. [↑](#footnote-ref-1)
2. Tanto a tradução quanto a entrevista são publicados com permissão dada e documentada pela autora durante a entrevista, entendendo seu propósito acadêmico. [↑](#footnote-ref-2)
3. A tradução de D.C. Lau foi feita do chinês para o inglês e utilizada por Goedde, mas aqui manteve-se a menção como parte da literariedade do texto e sua preocupação em citar os nomes dos tradutores sempre que possível. Tradução para o português nossa. [↑](#footnote-ref-3)
4. Autor e mestre em não ficção pela Universidade de Iowa. [↑](#footnote-ref-4)